

As Redes Sociais na Internet e a Conversação em Rede

Raquel Recuero

O surgimento e a posterior popularização da Internet enquanto meio de comunicação, especialmente no início dos anos 90, trouxe mudanças profundas para a sociedade (Castells, 2003). Essas mudanças, notadamente marcadas pela apropriação simbólica e re-significação das ferramentas de comunicação mediada pelo computador, trouxe também impactos às formas sociais. O principal exemplo desses impactos está nos sites de rede social (Orkut, Facebook e etc.) e seu impacto nas redes sociais.

Os sites de rede social foram definidos por boyd e Ellison (2007) como aquelas ferramentas que permitiriam aos seus usuários (1) a criação de um perfil individualizado, (2) a publicização de suas redes sociais e (3) a interação. Entretanto, a apropriação desses sites não apenas levou as pessoas a utilizar essas ferramentas para publicar suas redes mas, igualmente, para modificá-las. Essas modificações, decorrentes dos novos sentidos negociados e construídos através da comunicação, proporcionaram que essas redes tornassem-se muito mais "associativas" (Recuero e Zago, 2009). Ou seja, em lugar de redes sociais construídas com base na interação social, mantidas por essa interação e limitadas ao tempo e investimento de cada ator, as redes sociais publicadas nessas ferramentas passaram a ser constituídas de conexões construídas pelos sites, mantidas pelos sites e independentes do investimento nas relações sociais de cada ator. Por conta disso, as redes sociais online tornaram-se representações muito maiores das redes sociais, diferentes de seus correspondentes offline. E, apesar de suas conexões baseadas na "adição" de outros indivíduos, passaram a impactar os processos de comunicação e os indivíduos.

Primeiramente, por se basearem em novas formas de capital social construídas de modo coletivo e amplificadas pelos valores da contemporaneidade (como por exemplo, a atenção e a visibilidade) (Lahan, 2006), essas redes passaram a ser cada vez mais interconectadas. Estudos sobre o grau de conexão (a distância social) entre os perfis no Facebook, por exemplo, mostrou que o grau de separação para as redes offline proposto como seis (Milgram, 1967), passou a pouco mais do que três (Backstrom et al., 2012). Ou seja, entre quaisquer dois perfis no Facebook, teríamos apenas outros dois perfis. Grosso modo, isso significa dizer que quando alguém publica algo no Facebook, uma vez que uma de suas conexões a republique e uma das conexões de suas conexões também a republique, essa informação estará acessível a praticamente todos os 900 milhões de usuários da ferramenta. Esse fenômeno é denominado "clusterização" da rede social e indica que as redes estão tornando-se mais densas e as pessoas, mais conectadas. Embora pareça algo bobo, essa interconexão tem impactos igualmente significativos na circulação de informações, por exemplo.

Sites de rede social também enquadram-se no conceito de "públicos mediados" de boyd (2007), o que significa dizer que também têm as características desses, a saber, a buscabilidade, a replicabilidade e a permanência das informações, além da presença de audiências invisíveis. As três primeiras características basicamente implicam no fato de que a informação, nessas redes, tem vida longa. Mesmo se publicada enquanto

os atores estão offline, ela é muito rapidamente recuperada, buscada e replicada pelas próprias ferramentas e pelos demais atores. A terceira significa que toda a informação publicada também tem audiências não visíveis (resultado da interconexão entre os atores), o que também traz implicações para questões contemporâneas como a privacidade e a publicização do cotidiano. Esses elementos auxiliam a compreender os impactos dessas redes sociais na circulação, na produção e na filtragem de informações. Mais do que isso, esses elementos proporcionam que os indivíduos reúnam-se nesses espaços e construam conversações coletivas, em rede, onde as "falas" são recuperadas a qualquer momento, reproduzidas, espalhadas e com elas, as idéias. Com isso, temos o surgimento de **conversações em rede**, práticas coletivas, onde a conversação é acessível a diferentes grupos, interconectados dentro de uma mesma rede, cuja infra-estrutura está proporcionada pelos sites de rede social. Vemos essas conversações em todo o lugar: são aquelas que transcendem os grupos e espalham-se pelas redes, seja através das práticas comunicativas características das ferramentas (como "curtir" ou "dividir" uma conversação com a rede no Facebook, retuitar uma informação para sua rede no Twitter e etc.).

Manuel Castells escreveu sobre o movimento da Primavera Árabe no Twitter em 2011. Ele credita à estrutura da sociedade da informação, à cultura da Internet e aos atores e sua ação a possibilidade da organização, em larga escala, de milhares de indivíduos, para protestar e revolucionar¹. Mas mais do que a estrutura, são as apropriações novas redes sociais que possibilitam que as informações circulem desse modo. São as conversações que nasceram, espalharam-se e reproduziram-se dentro das redes sociais que levaram a revolução adiante. É o fato que esses sites permitiram que as pessoas estejam muito mais conectadas que impacta deste modo a circulação dessas informações e a mobilização dos atores também nos espaços offline. Postill (2012) também escreveu sobre a mobilização dos "Indignados" na Espanha, mostrando as redes sociais e o Twitter em especial como o principal locus de desenvolvimento dessas mobilizações, baseadas nas trocas comunicativas entre os atores que ali estão.

O jornalismo também sente os profundos impactos dessas trocas. Gabriela Zago (2009), por exemplo, demonstrou como essas novas formas de circulação reposicionam os veículos jornalísticos e a notícia. Suas funções foram modificadas. Ao invés de noticiar, os veículos parecem legitimar os acontecimentos (Recuero, 2011). Mas mais do que isso, o jornalismo também parece tornar-se cada vez mais conversacional, mais horizontal nessas ferramentas (Teixeira, 2011).

Há outros efeitos também. As redes sociais de cada ator tendem a constituir-se de outros atores semelhantes (por exemplo, com backgrounds, classes sociais, níveis econômicos semelhantes). É uma característica denominada homofilia (Rogers, 1995). A clusterização das redes no espaço online aproxima grupos sociais que são, por si, diferentes ou heterófilos. Essa aproximação faz com que novas formas de conflito e focos de violência discursiva tornem-se mais evidentes nas conversações (Recuero, 2012). Comportamentos violentos podem espalhar-se de forma mais viral, uma vez que as diferenças fiquem mais evidentes (vide o trabalho de Fragoso, 2006,

¹ <http://www.lavanguardia.com/opinion/20110212/54113455186/revolucion-en-egipto.html> e

<http://www.lavanguardia.com/opinion/articulos/20110219/54117604837/anatomia-de-una-revolucion.html>

sobre o Orkut). Recentemente, a divulgação da imagem da casa de uma suspeita de agredir uma criança na cidade de Pelotas/RS no Facebook, levou alguns indivíduos a colocarem fogo na mesma. O caso está sob investigação, mas sabe-se que o papel da rede em espalhar a informação (e inflamar os ânimos) parece ter sido fundamental.

Assim, pontuam-se alguns dos impactos efervescentes dessas redes e das conversações que emergem neste espaço. A maior parte desta revolução, entretanto, ainda permanece obscura. Essas ferramentas ainda são muito recentes, assim como o fenômeno da conversação em rede. O Orkut nasceu em 2004. O Facebook recém começou a crescer nos últimos anos (também nascido em 2005). O Twitter ainda mais jovem, apenas nasceu em 2006. Esses sites só passaram a ser apropriados no Brasil depois de 2005. Entretanto, já sentimos e registramos parte dessas mudanças, de forma profunda, nos mais variados ambientes. É preciso pensar como esses processos estão, assim, (re)construindo sentidos e discursos e como essas redes estão alterando os modos de ser, agir e dizer. É preciso pensar como a conversação em rede está alterando o modo como nos comunicamos, o que dizemos, o que fazemos e o que pensamos.

Referências:

Backstrom, Lars. Paolo Boldi, Marco Rosa, Johan Ugander, Sebastiano Vigna. Four Degrees of Separation. Disponível em: <http://arxiv.org/abs/1111.4570> (2012)

boyd, danah. 2007. "Social Network Sites: Public, Private, or What?" Knowledge Tree 13, May. http://kt.flexiblelearning.net.au/tkt2007/?page_id=28

boyd, d. m., & Ellison, N. B. (2007). Social network sites: Definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13(1), article 11. <http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>

Castells, Manuel. A Galáxia da Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Fragoso, Suely. Eu odeio quem odeia... Considerações sobre o comportamento dos usuários brasileiros na 'tomada' do Orkut. Intercom, 2006. <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/handle/1904/20258>

Lahan, R. The Economics of Attention. University Of Chicago Press; 1 edition, 2006.

Milgram, Stanley. "The Small World Problem", Psychology Today, 1967, Vol. 2, 60–67.

Postill, John. Democracy in the age of viral reality: a media epidemiography of Spain's indignados movement. Available at http://shu.academia.edu/JohnPostill/Papers/1571556/Democracy_in_the_age_of_viral_reality_a_media_epidemiography_of_Spains_indignados_movement

Recuero, Raquel. A Conversação em Rede: A Comunicação Mediada pelo Computador e as Redes Sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

Recuero, Raquel. Deu no Twitter, alguém confirma? Funções do Jornalismo na Era das Redes Sociais. SBPJor. Rio de Janeiro: novembro de 2011.

Rogers, Everett. "Diffusion Networks". In Diffusion of Innovations (4th edition). New York: Free Press, 1995. (pp 281-334).

Zago, Gabriela. Informações jornalísticas no Twitter: redes sociais e filtros de informações. In: III Simpósio da ABCiber, São Paulo, SP, 2009.